

26/I/1944

O espírito cristão da tolerância

O homem que melhor compendiou a doutrina cristã foi Paulo de Tarso, o fogoso cavaleiro do ideal que, partindo de Jerusalem em perseguição dos cristãos, na estrada de Damasco, misteriosamente abatido da sua montada, se transformou no propagandista número um daquele mesmo ideal que odiava. Deixou-nos 14 cartas, vibrantes de entusiasmo e de fé, que nos últimos anos têm sido objecto de aprofundados estudos e se encontram hoje na base do renascimento do espírito cristão em todo o mundo.

Muitas vezes perseguido, encerrado em severas prisões, repetidas vezes agoutado e deportado, Paulo acabou por ser decapitado na própria capital do Império Romano que a sua voz poderosa começava de abalar.

Os seus escritos são todos eles um hino impressionante ao trabalho, à vida, à fraternidade universal, à igualdade de todos os homens perante o Criador, e uma apologia cerrada de valor incontestável do esforço individual para o bem colectivo.

Não há página nas suas cartas que não esteja repassada da convicção de que o amor tudo transforma. Não só o amor dos irmãos, mas também o amor dos inimigos: «se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber».

Ele que foi mil vezes atormentado pelos seus inimigos, e que sabia perfeitamente o destino que o esperava à mão do sanguinário Imperador, não receava escrever aos cidadãos romanos que haveriam de ser testemunhas do seu martírio: «amai sem fingimento e sem hipocrisia... suportai valerosamente a tribulação... nunca retribuais o mal com o mal, mas fazei sempre o bem... vivei em paz com todos os homens... dizei bem dos que vos perseguem, dizei bem, nunca por nunca digais mal... abençoai sempre, não amaldiçoéis nunca.»

Acabara de ler esta página, e fiquei-me absorto na contemplação do mundo que nos cerca. O dia a dia social dum civilização que se diz cristã pode caber nas páginas de S. Paulo? Que haverá de comum entre uma coisa e outra?

E a gente passa em revista a nossa mentalidade portuguesa, as folhas dos jornais, a actividade social e política, desde o bairro populacional à fábrica, desde o balcão ao escritório, desde o «stadium» aos templos, e pergunta a si mesmo se tudo quanto vê será cristianismo!

Basta que dois dentre nós pensem de maneira diferente ou tenham simpatias desarmónicas seja em futebol, seja em metafísica, seja em política, para logo se esquecer que talvez sejamos ambos cristãos. Mesmo que o não fôssemos, se um delés o é, ao menos esse não pode conservar rancor, não digais mal dos vossos inimigos, não digais mal, mas dizei sempre bem».

E porque há-de ser inimigo o que se apaixona pelo clube que não é o nosso, o que vê a economia e a política por uns óculos diferentes dos nossos, o que está em situação diferente ou em campo alheio ao nosso? Não seremos, porventura, todos irmãos?

Ao menos, se não somos capazes de olhar de frente o nosso adversário de ideal, de olhar com olhos de amizade e compreensão, ao menos aprendamos das nações civilizadas a ser tolerantes uns para com os outros. Talvez que o nosso adversário, homem como nós, queira, como nós também queremos, levar a melhor. Talvez trame na sombra a nossa perdição. Haveremos de seguir o conselho do dito popular: quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre; ou antes o preceito do cristianismo de amar, sem simulação nem mentira, os nossos inimigos?

Na revista interessantíssima, «Economie de Humanisme», chegada agora mesmo de França, encontro a página 563, o seguinte testemunho dum «missionário do trabalho»:

«Marinette é a primeira vizinha com quem entrei em contacto quando aqui me instalei. As diferentes deslocagões deixaram-nos sempre vizinhos. Ela vem todas as tardes fazer oração. Um dia ficou à porta. — Não entra, Marinette? — Não! Discuti hoje azedamente com Juliette e não quero perdoar-lhe. Como poderei rezar: «Perdoai-nos as nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos ofendeu?».

«Três dias depois vieram juntas as

beligerantes reconciliadas. Ao fundo da sala, um belo cartaz duma artista húngara:

© Todos os direitos

Deus é nosso Pai
Nós somos todos irmãos
Amemo-nos uns aos outros

«Cada uma das minhas visitas acaba sempre por dirigir os seus olhos para o cartaz: um minuto de silêncio, uma reflexão: «é bem verdade aquilo... se a gente se amasse...» acrescentava...

Se nos amassemos uns aos outros! Nem guerras, nem disputas de interesses, nem intolerâncias, nem mesquinhas vinganças pessoais ou políticas, nem assassinios, nem roubos, nem expoliações, nem mercados negros, nem tantos outros crimes que nos fazem ter vergonha de pertencermos à espécie humana.

Amar o inimigo é, por certo, heroicidade. Mas sem ela não há espírito cristão. Se não somos capazes de o fazer, ao menos, sejamos tolerantes e compreensivos uns para com os outros, abrindo as mãos fraternalmente, em lugar de apontarmos uns aos outros os nossos punhos cerrados.

Se abrirmos as mãos, o coração se abrirá também. E poderemos então caber todos neste canto bendito que é a nossa terra.

ABEL VARZIM.